

O RASTRO DA CARNAÚBA NO PIAUÍ

José Luis Lopes Araújo*

Resumo: o artigo trata das repercussões econômicas e espaciais da atividade de produção de cera de carnaúba no Estado do Piauí, na primeira metade do século XX, quando esse produto apresentou picos de principal produto gerador de renda na economia piauiense. Evidencia-se que os ganhos dessa atividade eram elevados, havendo, mesmo que de forma frágil uma distribuição da riqueza gerada pelos diversos segmentos envolvidos. Contudo o ganho fácil inibiu o desenvolvimento de outras atividades, repercutindo negativamente até mesmo em atividades tradicionais locais como na agricultura e na pecuária, pois se observou queda na produção nos períodos de pico dos preços da cera.

Palavras-chave: extrativismo vegetal. cera de carnaúba. comércio externo

Abstract: *the article deals with the repercussions of economic activity and space for the production of carnauba wax in state of Piaui, in the first half of the twentieth century, when the product showed peaks of main product generator of income in the economy piauiense. There is that the gains of that activity was high, but even so fragile that a distribution of wealth generated by the various segments involved. But the gain easy inhibited the development of other activities, even impacting negatively on local and traditional activities in agriculture and livestock, as was observed decline in production during periods of peak prices of wax.*

Key words: *extrativismo plant, carnauba wax, external trade*

No presente trabalho, procura-se levantar algumas questões acerca do esvaziamento econômico das áreas produtoras de pó e/ou cera de carnaúba no Estado do Piauí. A elevação dos preços da cera de carnaúba no mercado internacional (final da década de 1930 até meados da década de 1940), intensificou as atividades que envolviam a sua produção, com conseqüente forte circulação monetária naquele Estado. No entanto a desvalorização da cera de carnaúba no mercado internacional, a partir de 1947, levou as áreas daquele Estado onde se vivia dependendo economicamente da extração de tal produto, a retornarem às precárias condições de vida anteriores ao “surto”. Senão, piores.

Para que entendamos tal fenômeno se faz necessário que tenhamos uma visão da aplicação da renda proveniente das atividades de extração da cera, tornando necessário analisar alguns fatos que afetaram a atividade no período em estudo.



Com o presente trabalho, pretendemos contribuir com aqueles que tentam preencher uma lacuna com relação à historiografia econômica piauiense, e que, por falta de fontes específicas sobre o assunto, vem como alerta para que se procure identificar, com mais precisão, as verdadeiras causas da pobreza em que se encontra a população de uma vasta área do território piauiense, outrora considerada “rica”. Esperamos que assim, com o real conhecimento das causas de sua pobreza, os erros do passado não venham se repetir.

As fontes de pesquisa para a elaboração deste trabalho são escassas, o que dificulta um pouco a se chegar a conclusões mais precisas. A Secretaria da Fazenda do Estado do Piauí informou não poder colaborar com a pesquisa, porque a maior parte dos seus documentos, referente ao período de 1970 para trás foram incinerados. Tal situação nos forçou a efetuar uma pesquisa de campo, onde entramos em contato com pessoas que “viveram o período”: comerciantes, proprietários, arrendatários e trabalhadores.

Da carnaubeira, nada se perde. Tudo é aproveitado. A colonização inicial do Piauí foi possível, em grande parte, graças à presença da carnaubeira nas áreas onde se introduziram os rebanhos bovinos, pois a fixação do homem foi facilitada devido às suas qualidades. Além de fornecer a madeira para qualquer tipo de construção habitacional ou instalações para os animais – “fornecia palhas para cobertura e paredes das casas, além de possibilitar a confecção de elevada gama de utensílios para uso pessoal e/ ou para casa” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 126). As raízes tinham emprego como “substância medicinal e o fruto era utilizado como alimento por homens e animais”. (CASTELO BRANCO, 1970, p. 132-133)

Ainda em relação a esta “utilização primitiva” da carnaubeira, há um artigo intitulado “As Riquezas da Carnaúba”, no Almanaque da Parnaíba – 1939 p.63, onde o autor – não citado – assinala:

... da resina do seu tronco pode extrair-se assucar, e pode fazer-se também com ela, comendoad, uma bebida saborosa parecida com leite, ao passo que com as sementes da fruta se prepara um substituto do café. De modo que da mesma árvore pode-se, obter café com leite e o assucar com que se adoça.

O que nos levou à elaboração deste trabalho, foi à importância da cera de carnaúba como matéria-prima para a indústria, pois só com esta condição a sua exploração se tornou importante para a economia piauiense. Tendo sido utilizada já no século passado “como simples óleo de iluminação” (CASTELO BRANCO, 1970, p.141), à medida que a tecnologia avançava, isto é, modernizava-se, a cera de carnaúba tinha aumentado o seu campo de aplicação, e, na época que nos preocupamos aqui, era componente de: “velas, pílulas, emplastos, unguentos, sabonetes, material isolante, discos fonográficos, polimentos, graxas, lustros, lubrificantes, encerados, papel carbono etc.”. (CASTELO BRANCO, 1970, p.124-135) tinha aplicação como matéria-prima bélica, entrando na fabricação de pólvora para abastecimento do conflito mundial. Daí a repentina elevação dos seus preços, o que, inclusive, foi “objeto de acordo entre o governo norte-americano e o governo brasileiro durante a II Guerra Mundial” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA , 1979, p. 63).

Participação do Piauí na Produção Nacional

No Piauí está concentrada a maior das carnaubeiras existentes no país. Mas tanto pela falta de melhores tratamentos da palha para obtenção do pó, como pela desorganização da comercialização, verifica-se pelos dados estatísticos do IBGE, que sua produção não corresponde à realidade, predominando, conforme tais dados, com participação que varia, no período entre 39,5 e 50% da produção nacional. Excepcionalmente no ano de



1942 atingiu 56%. Com relação a tal faceta, encontramos abordagens como as seguintes: "Piauí - Comparando a área ocupada pelos carnaubais e a sua distribuição no Estado conclui-se que é o Estado onde existem mais carnaubeiras no País". (MORAES,1942, p. 108)"Os mapas organizados por Luetzelburg (...) mostram facilmente ao leitor as grandes oportunidades desse Estado, mas, sua produção não está de acordo com o número de carnaubais existentes". (MORAES,1942, p. 264) "A exportação que figura como sendo do Maranhão é em grande parte do Piauí, que ainda tem a sua cera saída para o Ceará pelos municípios limítrofes, do Estado concorrendo assim para o aumento da exportação cearense". (CASTELO BRANCO, 1970, p. 95-96) Não obstante, o Piauí chegou a alcançar lugar de destaque nas exportações nacionais, chegando mesmo a se colocar em 7º lugar, em valor, nos anos de 1941 e 1942, superando os Estados do Pará, Rio de Janeiro e Pernambuco. Não alcançou melhores posições, por mais tempo, pela falta de um porto com capacidade para receber embarcações de grande calado. (PORTO, 1974, p.118). Como resultado de tal situação as finanças do Estado, baseavam-se, no período em estudo, no que a cera rendesse em impostos. Afinal de contas à atividade extrativa do referido produto atraía para si quase que todas as forças produtivas como também os novos investimentos (SOUZA, 1974, p.53). Nos anos de 1939 e 1949 a cera de carnaúba era responsável por cerca de 70% da receita estadual. (PORTO, 1974, p.118-119).

Ascensão dos Preços da Cera de Carnaúba (período: 1939/46) e suas Repercussões Econômicas no Piauí

Desde o início do século, principalmente a partir da segunda década, a extração da cera de carnaúba constitui-se numa das atividades econômicas que respondia por boa parcela da economia piauiense. Sendo produto regular de exportação, gerava uma renda monetária para boa parcela da população. Atividade que não requeria, maiores preparos de mão-de-obra, a vasta população rural encontrava em tal atividade um meio complementar de sobrevivência, pois he proporcionava mais algum ganho monetário com que adquiria bens para satisfação de suas "poucas" necessidades. Assim vivia a maior parte da população piauiense. Praticando uma agricultura de subsistência, naturalmente com baixos rendimentos, o que a condicionava a viver em situação de simples sobrevivência, situação essa que tenderia a se modificar a partir da década de 1930 com a valorização da cera de carnaúba.

Observando tal tendência, o Governo do Estado, através dos Decretos 1.419 de 1.932 e 33 e de 1935, toma uma série de medidas disciplinando a exploração da carnaubeira. Proíbe o corte e transplante das palmeiras e também a exportação de sementes, entre outras medidas. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA , 1947, p.257).Com a substancial elevação dos preços no final da década de 1930, uma crescente circulação monetária se fez sentir, o que foi suficiente para dinamizar a economia local com o comércio passando a ser bastante movimentado em algumas cidades. Evidentemente a localização dessas cidades deveria satisfazer às exigências do fator transporte. Na época o transporte rodoviário era bastante atrasado no Estado. A via de transporte mais eficiente era o rio Parnaíba que além de navegável em todo o curso, corre ao lado de toda a área produtora. Decorrente de tal situação, cidades que se encontram situadas às suas margens viveram época de intensa atividade comercial no período em estudo, como é o caso de Parnaíba, Luzilândia e Floriano.

Parnaíba, por ser a cidade que mantinha contato mais direto com o exterior, constituiu-se, no período, no principal centro comercial do Estado. Praticamente todas as



grandes empresas, quer industriais, quer de prestação de serviços, nacionais ou estrangeiras, estavam ali representadas, uma vez que o mercado consumidor lhes era bastante compensador. Em Parnaíba comprava-se de tudo, e o Parnaíba estava ali pronto para servir de via de transporte das mercadorias para a vasta área dela dependente. Sua influência econômica extrapolava o Meio-Norte atingindo até Goiás. Parnaíba e o rio Parnaíba estavam para o Meio-Norte, assim como Amsterdã e o Reno estavam para a Europa.

Outras cidades situadas às margens do rio Parnaíba, como Luzilândia, que polarizava vasta área que compreende entre outros, os municípios de Esperantina, Barras, Matias Olímpio, Joaquim Pires, etc., mereceu até uma linha regular de avião, com vôos duas vezes por semana. Mas não foram só as cidades situadas às margens do Parnaíba, que experimentaram “progresso”. Em vastas áreas mais centrais, algumas cidades também foram atingidas por essa “onda de dinheiro”. Dentre estas, se destacaram pelo arrojado movimento comercial no período: Campo Maior, Piracuruca, Piripiri, José de Freitas, Oeiras, Pedro II, S. Miguel do Tapuio, etc. Também nas áreas rurais, onde houvesse “um forte comprador de pó e/ou cera”, a movimentação era grande.

A exploração dos carnaubais, por ser uma atividade que absorvia muita mão-de-obra, ocupava a maior parte das populações locais por certo período do ano. Como o preço da cera estava sempre em ascensão, os proprietários de carnaubais, ou mesmo os arrendatários, no afã de obterem uma boa produção, também remuneravam relativamente bem à massa de trabalhadores. A renda gerada pela carnaúba, passou a fomentar a ociosidade de recursos no Piauí. O potencial produtivo da terra foi abandonado, mesmo com mão-de-obra com tempo ocioso. Com o dinheiro adquirido da renda de poucas arrobas da cera podia-se adquirir bom estoque de suprimentos para casa e para uso pessoal, predominantemente com artigos importantes de outros Estados ou do Exterior. Para se ter uma idéia do poder de compra da renda gerada pela cera, em 1945 com a quantia de cruzeiros correspondente ao valor de um kg de cera parda, podia-se comprar, alternativamente: 62 kg. De milho; 12,5kg de açúcar; 27 kg de arroz; 8,0kg de carne verde; 66,0kg de farinha; 18,0kg de feijão; 15,0kg de café; sendo que um quilo de “cera flor” equivalia a 20% a mais que as quantias citadas.¹Os preços tomados como base para comparação acima correspondem aos do Rio de Janeiro para o café e os de Teresina para os demais produtos citados).

Observando toda a movimentação que ocorria no Piauí, no período, um contemporâneo escreveu o seguinte, ao comparar o que estava ocorrendo no Piauí, em relação à área produtora de açúcar, em decadência, e que procurava explorar a pecuária:

“No Piauí o fenômeno é inverso. A terra principia a ter mais valor que o gado. A Carnaúba e o Babaçu alcançaram bons preços nos mercados. O gado que caracterizava a zona e fazia com que o homem e a terra girassem em torno de si, perde sua importância. O fazendeiro, o homem da civilização do couro, o homem que tinha como alimento peculiar à carne seca com pirão e leite, e que se orgulhava de possuir – fato quase único no mundo – belas cabras de quatro peitos, já não é o dominador, não é o senhor da economia da região. Os proprietários dos carnaubais e babaçuais dominam economicamente. O Piauí abandona a Civilização do Couro quase totalmente e entra a ter uma Civilização ou digamos melhor, uma economia própria. A Economia estatal mede-se agora termometricamente pela Carnaúba” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1947, p.257)

Um outro contemporâneo frisava: “Novos ricos brotam de todos os lados desequilibrando a uniformidade do padrão piauiense”. (PORTO, 1974, p.118). Podemos deduzir que na comercialização do pó e/ou cera de carnaúba estava formada uma rede de intermediários entre a produção e a exportação. Não raro, era a participação de no mínimo três a quatro intermediários entre esta e aquela operação.



Uma característica, porém, da comercialização, era evidente o “oligopsônio-oligopólio”. (NOVAIS, 1978, p. 22). A prática do oligopsônio era a mais comum, uma vez que o poder econômico das poucas firmas compradoras de cera em cada uma das cidades polarizadoras de vasta área produtora, comprometiam, desde cedo, os produtores, financiando, antecipadamente, a produção. Das poucas firmas exportadoras existentes no Estado, algumas mantinham filiais nas cidades interioranas, o que fortalecia ainda mais o caráter oligopsônico na operação da compra da produção de pó e/ou cera.

Quanto ao oligopólio, este, depois do primeiro ponto de distribuição – na cidade de Parnaíba – não era tão rígido como o oligopsônio, pois alguém que dispusesse de capital proveniente de outras fontes (venda de propriedade, por exemplo). Poderia perfeitamente “manter um negócio”, passando assim a ser um comerciante, lidando apenas com produtos de consumo.²

Conseqüências da Valorização da Cera de Carnaúba

Logo nos primeiros anos do após-guerra os preços da cera de carnaúba começaram a cair provocando nas áreas produtoras. A produtividade nunca sofreu melhoramentos. Os processos de trabalho continuaram os mesmos. De modo que o trabalho despendido para obtenção de uma arroba de cera em 1947, era o mesmo que se despendia há dez anos. Preços médios por tonelada de cera de carnaúba, incluindo todos os tipos, nos anos 1938/48.

ANO	VALOR (em Cr\$ 1.000)
1939	11,7
1940	16,1
1941	17,4
1942	20,2
1943	21,2
1944	20,3
1945	25,4
1946	41,9
1947	37,1
1948	19,1

Fonte: Anuário estatístico do IBGE, 1941/50.

A baixa dos preços, para a cera, produto que requer elevado contingente de mão-de-obra para a sua obtenção – principalmente nos moldes como era explorada – tornara-se simplesmente calamitosa. A remuneração do trabalhador estava intimamente ligada à cotação da cera no mercado internacional. (BNB, 1970, p.3). Com a contínua baixa dos preços da cera, produto responsável pela estabilidade econômica de muitos e repentino enriquecimento de alguns, qual seria a saída para se continuar pelo menos mantendo um padrão de vida semelhante ao período áureo da cera? Deveria haver algum capital acumulado na área produtora, não só em espécie, mas também em “estoque” de infra-estrutura. Mas, a maneira como foi empregada a maior parte da renda pela exploração dos carnaubais, fez com que ao se interromper o processo de valorização progressiva da cera, a área produtora se desfizesse de tudo que adquiriu no passado. Da renda auferida com a venda do pó e/ou da cera, a maioria dos proprietários ou arrendatários não investiu em quase nada nas propriedades a fim de torná-la potencialmente produtora de algum



novo produto que os mercados nacionais ou internacionais viessem a requerer. Grande parte das propriedades ainda hoje não possui sequer um poço para abastecimento doméstico de água. Esperavam apenas pelo que a cera rendesse confiando na estabilidade e/ou mesmo progressiva valorização de tal produto. Outro fator muito citado por contemporâneos é de que muitos proprietários que conseguiam reunir apreciável soma de dinheiro, com a cera, guardavam-na o que dentro de pouco tempo tinha o seu valor depreciado pela inflação.

O setor público, que tanto se beneficiou com a exploração da cera de carnaúba, praticamente fechou os olhos para as áreas produtoras, não investindo sequer em serviços mínimos de que a população era carente. No setor de saúde, a grande maioria da população não recebia, como ainda em tempos recentes, qualquer tipo de assistência. O setor educacional, também não recebeu a atenção que a população – verdadeira geradora da renda do Estado – merecia. O número de analfabetos remanescentes do período aqui estudado é alarmante. Parece até que o dispêndio do Governo, na área produtora de cera, reduzia-se a manter funcionários burocráticos para a arrecadação dos impostos decorrentes das transações comerciais.

Ainda com relação ao que foi feito com a renda obtida com a exploração dos carnaubais, escreveu Carlos Eugênio Porto:

Muito desse dinheiro reverteu, com juros, ao bolso dos importadores americanos através de desenfreada aquisição de geladeiras, automóveis de luxo, e objetos outros de relativa utilidade em sua maioria, porém, o povo nada ganhou. Os melhoramentos públicos não corresponderam ao espesso jorro dourado que brotava dos carnaubais, deslumbrando os proprietários e deslumbrando os administradores. Na própria depuração final, muito desses proprietários soçobraram vítimas da perigosa miragem do ganho fácil. Todavia a conseqüência mais trágica dessa corrida frenética para a cera foi o abandono da agricultura, que impôs ao Estado a necessidade de importar toda a sorte de gêneros de que era antes grande produtor. (PORTO, 1974, p.118 e 123).

Ao percorrermos hoje a área produtora de cera de carnaúba, observa-se que os que são considerados “ricos”, como resultado da exploração da carnaúba, são apenas aqueles que à medida que iam adquirindo boa renda com o produto, investiam na aquisição de propriedades com certo potencial produtivo. Tal fato nos leva a crer que houve uma considerável concentração da propriedade durante o período. Prevendo tal situação, um articulista contemporâneo escrevia:

Não redime os erros da quase exclusiva civilização do Couro. Ao contrário – abandonou as Fazendas – leva os braços da agricultura e da pecuária para o Carnaubal... Principia então não exportando mais gado nem sequer bastando-se a si mesmo... Seus produtos principais – A carnaúba e o babaçu – dependentes que são da balança internacional e mesmo nacional, são de preços oscilantes. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1947, p. 259).

O mesmo articulista acrescentava ainda:

Não há produção no verdadeiro sentido econômico-político no Piauí. Há extração e exploração – e muitas vezes mal feitas – dos produtos da própria terra. A terra é dadivosa, todavia a carnaúba como a borracha, pode vira ter ainda seu sucedâneo tirado dos laboratórios estrangeiros. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1947, p. 259).



Causas das Baixas dos Preços

O que fez com que os preços da cera da carnaúba caíssem assustadoramente no pós-guerra, levando à ruína uma vasta área do território brasileiro, na qual está incluída grande parte do território piauiense? Várias têm sido as explicações para justificar o fenômeno. Dentre elas destacamos: “Devido ser a cera da carnaúba uma matéria-prima excepcional, firmas e grupos de empresas internacionais, altamente poderosas, indiretamente, vêm controlando as cotações, auferindo-lhes todas as vantagens, com prejuízo para a economia nacional”. (SOUZA, 1974, p.9). “Os importadores estrangeiros, só fecham negócio de compra de cera de carnaúba, adiantada, a preços baixos, especialmente, aquelas grandes firmas que efetuam grandes compras, com prazos de entrega amplos” (SOUZA, 1974, p.19). “... política baixista dos importadores americanos” (PORTO, 1974, P.124).

Entre as coisas que podem ser invocadas para justificar a estagnação observada no extrativismo da cera, tem particular importância e, por isso, merece mais detido exame, a sua característica de extrema dependência em relação à sua demanda internacional, bem assim a sua condição de atividade exercida em moldes primitivos e antieconômica. (CAPES, 1959, p. 94).

Posteriormente, com a estabilidade política e financeira das principais nações, a cera de carnaúba teve o seu preço diminuído, o que também foi diminuído pela influência da competição de sucedâneos, política cambial, oferta fixa, impurezas, etc..., que levou a retornar lentamente aos preços vigentes anteriormente. (Conselho Técnico da Economia do Estado do Ceará. p 39).

Há vários anos que se vem processando fraudes mais vergonhosas no comércio de ceras de carnaúba e licurí, conhecidas no Brasil e nos Estados Unidos. Vejamo-las, para conhecimentos dos leitores dignos: exportavam cera de carnaúba com areia, excessiva percentagem de água, sebo, gordura de ucuciba, resina de jatobá, óleos, minerais pesados, cera de abelha, pedras, etc. o produto vai pouco a pouco se desvalorizando e sua cotação caindo, o que é muito natural. (Boletim nº 14, Ceras Vegetais Documentação – Legislação Aplicação, 1956.p.1).

Já em 1928, porém, alguém que se interessava pelos problemas da economia piauiense, ao observar a crescente valorização da cera de carnaúba, denunciava a formação de um “trust” para a compra de produto por uma só casa, configurando-se assim um monopólio que iria ditar os preços e normas de comercialização. Na oportunidade, o denunciante apelava para o Governo Federal, para que protegesse o referido produto, assim como estava fazendo com o café, pois via na cera de carnaúba perspectivas para uma excelente fonte de renda para a Nação (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1929, p. 37).

Não se pode deixar de levar em consideração que, no final do século passado a primeira e primeira metade do atual, são formados vários cartéis entre os grandes grupos econômicos internacionais, os quais passaram a ditar preços quer de matérias-primas, quer de bens finais (Mirow, 1985. p. 100-104). A cera de carnaúba, sendo uma matéria-prima de excepcionais qualidades para aplicações industriais, fatalmente teve os seus preços influenciados pela manipulações de preços efetuados pelos referidos internacionais, que procuravam lançar mão de todos os expedientes para obterem matéria-prima a baixo custo.

Conclusão

A valorização da cera de carnaúba no período de 1939 a 1946 deixou profundas marcas na economia piauiense, comprometendo negativamente seu desenrolar posterior. Ao se tornar fonte de renda monetária para vastas camadas da população, embora não condicionasse um elevado padrão de vida, pelo menos o tornava mais satisfatório do que antes.



Porem, a área produtora de cera, empregando grande volume de mão-de-obra, não soube tirar partido da situação, para a efetivação de uma acumulação de capital. Embora com potencial para produzir certos produtos para o seu consumo, preferiu importá-los, transferindo, assim, grande parte de sua renda para outras áreas. Tal situação gerou a falência da área, pois depender exclusivamente das cotações da cera no mercado internacional, como a queda de tais cotações, a população viu-se desamparada para enfrentar a nova situação. Aqueles que recebiam apenas a remuneração pelo seu trabalho, retornaram às precaríssimas condições de vida de antes e aqueles que conseguiram acumular algum capital – os proprietários e/ou arrendatários – mas que não investiram em algo produtivo – principalmente boas terras – passaram a gastar, terminando por ficar também na miséria.

Na paisagem rural de agora, observa-se ainda a existência de numerosos casarões, construídos na época, com seus imensos terreiros para a secagem das palhas. Ao conversarmos com os que viveram o período, sentimos de perto o intenso desejo, que todos manifestam de que voltassem “aqueles velhos tempos”.

Notas

- ¹ Dados obtidos a partir de anuários estatísticos do IBGE e em Eugênio Porto, Carlos, ROTEIRO DO PIAUÍ, Rio, Artenova, 1974, p.122.
- ² Cera de Carnaúba. Preços mínimos safra 74/75. CFP. Pág. 1/2.

Referências

- CASTELO BRANCO, Renato. O Piauí: a terra, o homem e o meio. São Paulo: Livrarias Quatro Artes Editora, 1970.
- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, 1929
- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, 1939.
- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, 1947.
- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, 1979.
- CARVALHO, Joaquim Bertino de Moraes. Ensaio sobre a carnaubeira. Rio de Janeiro. Serviço de informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1942.
- PORTO, Carlos Eugênio. Roteiro do Piauí, Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- IBGE. Anuário Estatístico, 1941-50.
- SOUZA, Antônio José de. Estudos e coleta de dados sobre a cera de carnaúba. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1974.
- NOVAIS, Fernando. Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial (século XVI – XVIII). In: Caderno Cebrap. São Paulo, Brasiliense, 1978.
- CERA DE CARNAÚBA. Preços mínimos safra 74/75. CFP. [s.l., sd].
- BNB. Departamento de Estatística Econômica do Nordeste. Tendências recentes: perspectivas da cera de carnaúba. Fortaleza, 1970.
- CAPES. Estudos do Desenvolvimento Regional (PI). Rio de Janeiro, 1959. (Série Levantamentos e Análises – 9).
- CEARÁ. Conselho Técnico da Economia do Estado. Ceará. [sd].
- INSTITUTO DE ÓLEOS. Ceras Vegetais Documentação – Legislação Aplicação. In: Boletim n. 14. Rio de Janeiro, 1956.
- MIROU, Kurt Rudolf. A ditadura dos cartéis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A.,1978.
- * Doutor em Geografia e professor da FUFPI e coordenador do Mestrado em Meio Ambiente da UFPI. Este trabalho foi elaborado para satisfazer uma exigência do curso de Mestrado em Geografia. Tivemos na coleção do “Almanaque da Parnaíba” uma valiosa fonte de informação, já que este anuário acompanha a evolução da realidade local há seis décadas. O texto original sofreu algumas modificações, estas modificações, contudo em nada alteraram nossa abordagem. Agradecemos, portanto, aos editores. (Nota do Autor)

